



Herói ou Santo?

“Só não cortaram meu pescoço porque eu era Bispo”

Por:Leandro Trindade
Agência da Notícia

Queria começar este texto perguntando o que faz um homem ser um herói, mas ao pesquisar mais a fundo o conteúdo desta entrevista percebi que se assim fizesse estaria cometendo um grande equívoco, pois ser um herói é bem diferente de ser um santo.

E talvez esta seja a melhor definição de Dom Pedro Casaldáliga, bispo da prelazia de São Félix do Araguaia que enfrentou a ditadura e os poderosos do latifúndio para defender aquilo que acreditava, construiu uma imagem ao longo do tempo, que ele mesmo afirma ser impossível negar, mas que também não pode se aproveitar dela.

Deus não chama ninguém a ser herói, chama alguns para ser santo. E estes apesar de fazerem muito, e muito mais que os heróis, acham que poderiam ter feito mais, pois não fazem com sua força própria, fazem com a graça.

Concordar ou não com o que Dom Pedro Casaldáliga defende é secundário, impossível é negar a beleza e o simbolismo de sua vida em solo mato-grossense.

Suas ideologias já ganharam várias publicações, sua trajetória será contada brevemente nas telas dos cinemas, mas nesta entrevista ao **Agência da Notícia** Casaldáliga mostra seus sentimentos, seus medos, suas saudades, seus arrependimentos, expõe seu lado humano, conhecido por poucos. Mas não deixa também de fazer declarações polêmicas em relação à política, ao agronegócio e a igreja Católica.

Disse que tem medo de decepcionar as pessoas, que o agronegócio é o latifúndio moderno e que a igreja precisa rever o celibato.

JAN:O que o senhor sentiu quando chegou a São Félix, uma região com a realidade bem diferente de Madrid, Espanha, onde o senhor vivia?

- Antes de chegar ao Mato Grosso eu fiz um curso no CENFI (Centro de Formação Intercultural), organizado pela CNBB para missionários estrangeiros, onde aprendi a língua, os costumes e a cultura da região. Mesmo assim quando cheguei a São Félix, que tinha apenas 600 habitantes, e começava a vivenciar os conflitos do latifúndio, foi um choque



“Cristo veio para salvar almas, mas não vejo almas andando pelas ruas, vejo pessoas”, Pedro Casaldáliga, o embate entre um corpo cansado e uma alma que ainda almeja conquistas não entendidas.

violento, mas posso dizer que já estava de certa forma preparado. Sabia que eram muitos os Brasis, que era uma região nova e o Vaticano precisava de voluntários, pois não havia estrutura de Igreja aqui, dependia ainda de Conceição do Araguaia.

JAN: Ao lutar contra o latifúndio, automaticamente o senhor teve de enfrentar pessoas poderosas na região, em uma época onde a lei do mais forte prevalecia, quais foram os momentos mais críticos que o senhor enfrentou?-

- Vivíamos sobre constantes ameaças, era uma situação tensa, não podia estar em cima do muro, ou defendia o latifúndio ou os trabalhadores e os índios. As forças armadas do governo agiam estritamente na área da prelazia, era uma operação de controle. Eu fui ordenado Bispo em 1971 na beira do Rio Araguaia, só não cortaram meu pescoço ou me devolveram à Espanha, porque eu era Bispo.

JAN: O assassinato do padre João Bosco foi o momento mais triste de sua luta?

- Foi um dos momentos mais difíceis para mim, quando chegamos a Ribeirão Cascalheira soubemos que duas mulheres estavam sendo torturadas e fomos até a delegacia, o padre João Bosco tinha mais aparência de Bispo que eu, mesmo me apresentando primeiro, os policiais que chegaram naquele dia a cidade e não me conheciam, agre-

diram o padre João Bosco com socos e com uma coronhada, depois o alvejaram com um tiro na cabeça. Tentamos socorrê-lo, mas ele faleceu pouco depois.

JAN: O senhor foi perseguido por latifundiários, sofreu oposição dentro da própria Igreja Católica, o que o motivava a continuar lutando pelos mais fracos?

- Um jornalista me perguntou uma vez em Porto Alegre do Norte se eu sentia culpa pela morte do padre João Bosco, eu respondi a ele que o culpado era Cristo, por Ele que o padre João Bosco estava aqui. Eu estou aqui pelo evangelho, mas para mim as questões secundárias, não são secundárias, pois Cristo veio para salvar almas, mas não vejo almas andando pelas ruas, vejo pessoas.

JAN: O senhor deixou sua terra natal e sua família para dedicar sua vida a uma causa, o senhor acredita que pagou um preço alto por ela?

- Não! Eu dou graças a Deus por ter me permitido dedicar a vida ao próximo. Quando chegar o dia do meu julgamento quero dizer a Deus para esquecer tudo o que eu fiz e de mal e de bom, se fiz algo, quero apenas viver a eternidade.

JAN: Do que o senhor sente saudade?

- De Deus, tenho vontade de estar cheio de Cristo. Saudades de muitas coisas, da família, de lugares por onde andei. Sauda-

des de coisas específicas como um prato servido na Catalunha, um pão com tomate, azeite de oliveira e um pedaço de pernil, que só é encontrado lá, faz tempo que estou de regime, sem sal, sem frituras e sem gorduras, como diziam uma mulher sem graça. Gosto muito de cinema, da pra assistir alguns filmes de vez em quando aqui em casa, isso facilita um pouco. Tenho saudades dos amigos, dos perigos, mas não sou um saudosista romântico.

JAN: Do que Dom Pedro Casaldáliga tem medo?

- Tenho medo de ter medo. Sinceramente não tenho medo da morte, queria saber como vai ser essa morte, daqui a dois anos, dois meses, dois dias. Tinha um médico que dizia que a morte é inevitável, todo mundo vai morrer de repente ou de acidente. Tenho medo de não responder as expectativas e esperanças do povo, esse talvez seja meu maior medo.

JAN: O senhor tem idéia do que Dom Pedro Casaldáliga significa para o Mato Grosso, e isso lhe deixa apreensivo?

- Eu procuro insistir sempre com a equipe pastoral, que por ser Bispo, por meu temperamento, por escrever, por ser poeta, por ter feito algumas viagens e ações fui criando uma imagem que não tenho o direito de negar, mas também não posso aproveitar.

JAN: O Senhor tem vontade de

voltar para a Espanha? E qual seu sentimento por São Félix do Araguaia?

- Não, meu lugar é São Félix, o Mato Grosso e o Brasil. Quando me fazem essa pergunta, respondo que me sinto filho desta terra. Por que isso é a maior verdade.

JAN: Muitas pessoas ligam o radicalismo da prelazia com o aumento de evangélicos no norte Araguaia, o que o senhor pensa sobre isso?

- O numero de evangélicos crescem em todo Brasil, em lugares onde não tem prelazia, é um fenômeno novo e interessante. Por muitos séculos a Igreja Católica foi única em muitos países e no Brasil, mas com a liberdade que temos aqui surgiram as novas igrejas e religiões, que é um acontecimento mundial. Existe um fenômeno que diz que nunca como agora havia tantos ateus e que nunca como agora há tanta loucura de religião e espiritualidade, mas o Cristo que morreu e ressuscitou é o mesmo. Só que nunca como agora as pessoas dizem: Cristo Sim, Deus Sim, Igreja Não.

JAN: O senhor acredita que é uma pessoa radical?

- O evangelho é radical, vejo minha missão aqui como uma questão de fé. A evangelização não é uma questão apenas de alma, não vejo almas caminhando pela rua, vejo pessoas. E são as pessoas minha maior preocupação.

JAN: O senhor se negaria a

abençoar um grande fazendeiro, ou rezaria um missa em uma grande propriedade rural?

- Hoje já sou um Bispo aposentado, mas para fazer isso é preciso cumprir as normas da igreja. A questão não é se a pessoa é rica ou pobre, mas sim se é uma pessoa de bem ou não, explorador ou não. Agora como vou abençoar uma pessoa que explora e persegue pessoas, antigamente alguns peões se vendiam aos patrões e perseguiam seus colegas de trabalho, como abençoar uma pessoa assim? Uma vez enterramos um peão sem caixão e nome no cemitério na beira do Araguaia, e falei nessa missa que “a vida deste peão não vale menos que a minha”, mas ele estava sendo enterrado sem nenhum registro e sem a família nunca saber o que aconteceu com ele. Isto é correto?

JAN: O que o senhor pensa quando a imprensa divulga os casos de abuso sexual cometido por padres?

- Esse problema é secular, só que acontecia dentro das próprias famílias, entre pai e filhos, irmãos, primos e isso ficava dentro da própria família. Agora a coisa estourou, primeiro porque temos mais liberdade de comunicação, segundo porque alguns espertos principalmente nos EUA e na Irlanda descobriram uma fonte para abrir processos e terceiro porque a igreja precisa reestudar novamente o problema do celibato. O Vaticano disse a pouco que o celibato não é pra discutir, mas é sim, não que o celibato seja a causa principal, mas o problema sexo precisa ser revisto. Na bíblia tem três tipos de castrados, pela natureza, pelo homem e por Deus, aqueles que renunciam ao matrimônio para dedicar sua vida a obra de Deus, existe essa vocação e quem ha têm, precisa assumir. Agora falei uma vez para um grupo de seminaristas que a renúncia ao sexo não acontece uma vez apenas, mas é uma luta diária que nos acompanha a vida toda. É uma renúncia diária, é preciso rever o celibato com mais realismo.

JAN: Olhando para sua história no Araguaia o senhor tem o sentimento de que cumpriu sua missão?

- Não! Apenas fiz alguma coisa, mas poderia ter feito muito mais. Não me preocupo com isso por que Deus é amor, não seremos julgados, seremos abraçados. Jesus não disse “Juiz nosso que estás no Céu, mas Pai nosso que estás no Céu”.